



Eixo: Ações na Biblioteca e Unidade de Informação em prol da luta antirracista e anti-fóbica

A busca por uma biblioteca decolonial: um relato de experiência na Biblioteca da SP Escola de Teatro

Ueliton dos Santos Alves¹

1.INTRODUÇÃO

Como aponta Santos (2007) a colonialidade pode ser comparada a uma monocultura, destrói outros conhecimentos, produz o que ele chama de "epistemicídio": a morte de conhecimentos alternativos. Reduz realidade porque "descredibiliza" não somente os conhecimentos alternativos, mas também os povos, os grupos sociais cujas práticas são construídas nesses conhecimentos alternativos, ou seja, a colonialidade pode ser lida como uma prática que através da ciência moderna/colonial produziu um modelo único, universal e objetivo tendo como referência a Europa.

Sueli Carneiro é outra que teorizou o epistemicídio relacionando-o a questões racial e de biopoder, só que aplicando essa teoria a realidade brasileira, por conta disso o presente trabalho a traz como elemento introdutório da temática, sua obra é importante ferramental para a discussão decolonial dentro da Biblioteconomia e da Ciência da Informação.

Assim, contrato racial, biopoder e epistemicídio, por exemplo, são conceitos que se prestam como contribuição ao entendimento da perversidade do racismo. São marcos conceituais que balizaram a tese de doutorado que defendemos junto à USP em agosto passado sob o título "A construção do outro" como não-ser como fundamento do ser. Nela procuramos demonstrar a existência no Brasil de um contrato racial que sela um acordo de exclusão e/ou subalternização dos negros, no qual o epistemicídio cumpre função estratégica em conexão com a tecnologia do biopoder. (CARNEIRO, 2014)

¹ Bibliotecário na SP Escola de Teatro e Mestrando em Ciência da Informação PPGCI/IBICT-UFRJ, ueliton@ufrj.com.br

Foi a partir das leituras de intelectuais como os apresentados acima que surge as indagações para a proposta de um olhar que tenta decolonizar a biblioteca da SP Escola de Teatro.

1.1 OBJETIVOS

O objetivo geral centra-se nos estudos decoloniais buscando contribuir com a discussão dentro do campo da Ciência da Informação e Biblioteconomia. Objetivo específico destacar alguns pontos importantes que marcam a construção do conceito decolonialidade. Para compreender o que é decolonialidade é preciso entender o que é colonialidade, esse trabalho se propõe a apresentá-la através dos estudos da colonialidade do ser, do saber e do poder no espaço da biblioteca da SP Escola de Teatro. Por fim, espera-se apresentar referências que contribuam com uma reflexão no campo.

1.2 JUSTIFICATIVA

Segundo Aníbal Quijano (2014), a colonialidade trata sobre a constituição de um padrão de poder que não se restringe às questões formais de exploração ou dominação colonial, trata-se de uma ideia que envolve também as diversas formas pelas quais as relações intersubjetivas se articulam a partir de posições de domínio e subalternidade. A colonialidade pode então, ser lida como uma prática que através da ciência moderna/colonial produziu um modelo único, universal e objetivo tendo como referência a Europa. Já a decolonialidade pode ser vista a partir do prisma da intelectual bell hooks, quando em seus escritos aborda as questões ligadas ao olhar, ela traz à tona a ideia de nos atentarmos para os perigos que um único ponto de vista pode trazer, ou seja, está propondo que se olhe sempre para os diversos lados de uma história, pois não existe olhares únicos.

Partindo dessa ideia e da troca com os usuários da biblioteca identificou-se a necessidade de mudanças. Cabe ressaltar que a identificação dessas questões e as mudanças foram um processo de construção coletiva. Nossas e nossos estudantes se organizaram para cobrar uma maior representatividade na escola, essa cobrança reverberou em vários setores, inclusive na biblioteca. A partir dessas demandas surge a oportunidade desse estudo.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Ao abordar o tema da decolonialidade, aponta-se para um caminho que busca apresentar possibilidades, que propõem uma abordagem que respeite as mais diversas formas de produção e troca de saberes. Como sempre, todo processo de mudança demanda entendimento, sendo assim, faz-se necessário contextualizar e detalhar melhor o que é decolonizar e, como pode se relacionar com a Biblioteconomia e a Ciência da Informação. A ideia de decolonizar o saber vai de encontro com o que os bibliotecários já fazem ou deveriam fazer, já que nós temos como missão a democratização da informação. Partindo desse lugar é que se propõem a discussão sobre o desafio de se pensar a constituição de acervos decoloniais.

Com passar dos tempos alguns pesquisadores acreditavam que os estudos pós-coloniais já não davam conta de algumas demandas que surgiam, sendo assim passam a se organizar para pensar em outras abordagens. Como alternativa surgem os estudos decoloniais, não se tratou de uma mudança de uma hora para outra, não se desprezou a importância dos estudos pós-coloniais, pelo contrário, houve um reconhecimento de

diversas obras que se tornaram marcos fundamentais para teorias de estudos decoloniais. Dentre essas obras podemos citar alguns nomes e livros que são presentes até hoje, por exemplo: Retrato do colonizado precedido pelo colonizador de 1947 do autor Albert Memmi, o Discurso sobre o colonialismo de 1950 de Aimé Césaire, o livro Os Condenados da Terra de 1961, autoria de Frantz Fanon, e por fim, pode-se acrescentar o Orientalismo de 1978 de Edward Said. Esses autores e suas obras se destacam por estarem propondo um desenvolvimento epistêmico que interceda pelo colonizado.

Com desenvolvimento da discussão alguns expoentes vão surgindo, Walter Mignolo é um deles, para ele os grupos dos americanos subalternizados não deveriam se espelhar na resposta indiana ao colonialismo, já que a trajetória da América Latina de dominação e resistência estava ela própria oculta no debate. A partir de mobilizações como essas, o grupo Modernidade/Colonialidade passa a olhar de forma diferente para os estudos pós-coloniais, esse novo olhar vai se desdobrar no que ficou conhecido como estudos decoloniais, ou como alguns preferem chamar, estudos descoloniais.

3 METODOLOGIA

Baseado nas propostas de estudos elaboradas pela escola vão surgindo demanda dos estudantes para que o acervo se aproxime de pautas da contemporaneidade. Tendo em vista essa demanda coube aos profissionais da biblioteca criar formas de diálogo com os estudantes lhes dando abertura para opinar sobre o desenvolvimento de coleção, abrindo espaço para a discussão de novas aquisições. Também se iniciou várias trocas com os grupos em condição de marginalização na sociedade e na estrutura educacional, enquanto bibliotecário recebia esses grupos, ou pessoas que os representavam e passávamos tempo conversando e buscando por bibliografias que dialogassem com contexto dessas pessoas e com as pautas por eles apresentadas. Esses diálogos me despertaram para o quanto minha formação que valoriza o caráter humano era importante, também fizeram perceber que só o pensamento humanizado não era suficiente, era necessário práticas e ações que aproximassem o espaço físico da biblioteca com nossos estudantes, ou seja, a medida que abria espaço para o diálogo era possível perceber que necessitávamos de uma reinvenção. Na busca por essa reinvenção me deparei com as teorias decolônias, e percebi que era exatamente disso que a biblioteca precisava, de um giro decolonial.

Para fundamentar nossas discussões no espaço da biblioteca e pontuar o que é decolonialidade adotou-se uma abordagem que traça uma linha histórica apresentando argumentos e bibliografia de estudos na área. Cabe destacar que a discussão sobre decolonialidade está sendo pautada a nível mundial, porém aqui adotou-se como estratégia exercer uma análise que tem como foco de concentração experiências na América Latina.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir desse prisma teórico e prático que me permito fazer a ligação da decolonialidade com a área da Biblioteconomia e Ciência da Informação. A linha de pensamento traçada até aqui não tem a pretensão de chegar a uma resposta, mas sim demonstrar que os usos das mais diversas formas de epistemologias, saberes e grupos possibilitam aos usuários construir seus próprios conhecimentos e elaborar seus questionamentos, pode-se dizer que o presente trabalho prega que informação é poder. Para melhor exemplificar tal afirmação, tomo emprestado da teoria decolonial o conceito de **colonialidade do poder**.

Partindo da perspectiva que informação é poder, pode-se dizer que a colonialidade do poder é um monopólio onde os que concentram as narrativas informacionais ditam o funcionamento do mundo, a partir desse controle expressa outras duas colonialidades, a do **saber** e a do **ser**, portanto afirmo que a teoria decolonial se intersecciona com nossa área devido ao fato dessas três palavras em destaque possuírem forte influência sobre o nosso fazer enquanto profissionais da informação. Já que a informação é poder, e que as bibliotecas são um importante instrumento para a construção do saber, logo trata-se de um espaço que possibilita a transformação do ser. A partir dessa lógica me arrisco a dizer que nós profissionais da informação em nossos ambientes de atuação, somos um importante instrumento de combate a colonialidade do poder, bibliotecas em suas diferentes tipologias têm como missão romper com a concentração e controle do conhecimento, fazemos a mediação para que nossos usuários sejam autônomos, que possam construir com as informações que disponibilizamos o seu conhecimento e sua subjetividade, o caráter pedagógico de uma unidade de informação é um usuário emancipado, sendo assim, nosso trabalho e nossa existência torna-se ferramenta fundamental para a luta decolonial.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao entender que o acervo foi constituído dentro de uma lógica da colonialidade, como aponta Walter D. Mignolo (2003), que é um processo que atua em uma tripla dimensão: a do poder, a do saber e a do ser, onde cada uma destas dimensões diz respeito às relações políticas, à epistemologia e às relações intersubjetivas, respectivamente, pude compreender que para desconstruir esse caminho único, era necessário considerar outros saberes. Desde então busco a decolonialidade na biblioteca e em minha formação, ou seja, trilhar novos caminhos que contestam o status quo, que buscam novos métodos, que vai de encontro ao que o teórico Nelson Maldonado-Torres (2005) resolveu chamar de “Giro decolonial”, trata-se de uma mobilização que se refere, em primeiro lugar, a reconhecer que as formas de poder coloniais são múltiplas e que tanto os conhecimentos como a experiência vivida dos sujeitos marcados pela colonialidade são altamente relevantes para entender as formas modernas de poder e, em seguida, prover alternativas a elas. Como alternativas acreditaram em uma opção decolonial epistêmica, teórica e política, é isso que acredito para uma nova fase da biblioteconomia.

Seguindo nessa trilha recebo o apoio da SP Escola de Teatro para propor atividades que buscam não por novas epistemologias, mas sim por outras. Somos uma biblioteca pública especializada em artes, e embora tenhamos uma limitação temática identificamos que o processo de decolonização não iria mudar nosso tema, pelo contrário, traria novas vozes que dissertam sobre o tema a partir de outros referenciais, não havia mais a possibilidade de continuarmos com um acervo que possuía em sua maioria um viés artístico cultural baseado na narrativa europeia.

Não era mais possível porque nossa bibliografia não dialogava e nem representava a todas e todos os nossos estudantes, consulentes e suas demandas. Cabe ressaltar que a identificação dessas questões e as mudanças não surgiram do nada, foi um processo de construção coletiva. Nossas e nossos estudantes se organizaram para cobrar uma maior representatividade na escola, essa cobrança reverberou em vários setores, inclusive na biblioteca. Essas questões ainda estão reverberando e coube a mim o papel de repensar a gestão da nossa coleção para buscar bibliografias que dialoguem com nosso contexto atual. Na busca por essa reinvenção me deparei com as teorias decolônias e percebi que era exatamente disso que a biblioteca precisava, de um giro decolonial.

A novidade aqui é que o grupo M/C, assim como outros movimentos teóricos, entrou naquilo que Visvanathan (2004) chamou de “Guerra da Ciência”. O movimento de descobrimento e de revalorização das teorias e epistemologias do sul tem crescido nos últimos anos em diversas áreas e universidades do mundo. Como defende Mignolo (2003), não se trata da substituição de um novo paradigma nos termos de Kuhn, mas do surgimento de “paradigmas outros”. Se para Habermas a modernidade é um projeto inacabado, para o grupo M/C a descolonização também o é. Diferentemente da modernidade, a colonialidade não é um ponto de chegada (BALLESTRIN, 2013, p. 104).

cabe ressaltar que o processo de decolonização não deve ser confundido com a rejeição da criação humana realizada pelo norte global e associado com aquilo que seria genuinamente criado no sul, no que pese práticas, experiências, pensamentos, conceitos e teorias. Ela pode ser lida como um contraponto e resposta à tendência histórica de divisão de trabalho no âmbito das Ciências Sociais na qual o sul global fornece experiência, enquanto o norte global as teoriza e as aplicam. Cabe seguirmos propondo cada vez mais essa discussão em nossa área, pois os princípios de decolonialidade são correspondentes aos nossos, possibilitar acesso e uso da informação as pessoas **empoderando-as** para que constituam seus **saberes**, podendo assim construir sua subjetividade, o seu **ser**.

PALAVRAS-CHAVE: Biblioteca. Colonialidade. Decolonial. Epistemologia. Modernidade. Saber

AGRADECIMENTO: Agradeço a SP Escola de Teatro pelo apoio e disposição em construir cada vez mais um acervo diverso que fomente o pensamento decolonial, agradeço também aos estudantes que foram a mola propulsora de tudo isso, principalmente Núcleo Negro (NN), entidade formada para repensar e contribuir com outras histórias para a escola e a biblioteca.

REFERENCIAS

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, n. 11, p.89-117, ago. 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbcpol/n11/04.pdf>>. Acesso em: 08 ago. 2019.

CARNEIRO, Aparecida Sueli; FISCHMANN, Roseli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

CARNEIRO, Sueli. **Epistemicídio**. 2014. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/epistemicidio/>>. Acesso em: 11 ago. 2019.

GROSFOGUEL, Ramón (2008). “Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global”. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n. 80, p. 115-147.

HOOKS, bell. **Olhares Negros. Raça e Representação**. São Paulo: Editora Elefante, 2019.

LANDER, Edgardo. In: LANDER, E. (comp.). **A Colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais**. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto, in CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSGUEN, Ramon (coord.). **El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, 2007. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=000178&pid=S0103-3352201300020000400024&lng=en. Acesso em: 19 de ago. 2019.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder y clasificación social. **Journal of world-systems research**, v. 11, n. 2, p. 342-386.

QUIJANO, Anibal. La tensión del pensamiento latino americano [1986]. In: _____. **Cuestiones y horizontes: de la dependencia histórico-estructural a la colonialidad/descolonialidad del poder**. Buenos Aires: Clacso, 2014. p.697-704. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_nlinks&pid=S0103-4014201800030039100032&lng=en. Acesso em: 19 de ago. 2019.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social**. Tradução Mouzar Benedito. São Paulo: Boitempo, 2007. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/inov/producao/seminarios/democracia-e-universidade-na-america-latina-projetos-e-experiencias-emergentes/disciplina-na-pos-graduacao/capitulos-ii-e-iii-renovar-a-teoria-critica-e-reinventar-a-emancipacao-social>. Acesso em: 12 de ago. 2019.